

PRÁTICAS EDUCATIVAS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO COM JOVENS E ADULTOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

Marcia Justina de Souza¹
Gizeli Aparecida Ribeiro de Alencar²

RESUMO

A escola, local utilizado especialmente para o ensino dos conhecimentos historicamente construídos, enfrenta grandes desafios para se adequar às atuais políticas públicas educacionais que regulam o processo de inclusão, o qual prima pela educação de qualidade independente da necessidade ou patologia apresentada pelo educando. O professor, por sua vez, enfrenta dificuldades no ensino da leitura e escrita junto ao aluno com deficiência intelectual (DI) e as atividades desenvolvidas geralmente são baseadas na repetição e memorização, desvinculada de situações de aprendizagens reguladas em vivências significativas. Mediante o exposto, o objetivo desse artigo é analisar a experiência da pesquisadora em práticas educativas junto a nove jovens e adultos com deficiência intelectual que frequentam o Projeto de Extensão: “Atividades Alternativas para Pessoas com Necessidades Especiais” vinculado ao Departamento de Teoria e Prática da Educação na Universidade Estadual de Maringá/PR (DTP/UEM). Para tanto, estudamos, discutimos e implementamos os planejamentos fundamentado na Metodologia da Mediação Dialética (MMD). Participar de um projeto de extensão nos possibilitou constatar que quando o planejamento articula, de maneira intencional a teoria e a prática é possível desenvolver um trabalho docente contemplando as especificidades dos alunos com deficiência intelectual no que diz respeito ao processo de ensino-aprendizagem. A partir da Metodologia da Mediação Dialética os educandos conseguiram superar o saber imediato, por meio de interações e mediações do professor/pesquisador com o conhecimento científico. Os educandos reelaboraram seus conhecimentos sem anular o conhecimento imediato (saber que possuíam) no mediato (conhecimento científico).

Palavras-chave: Deficiência intelectual. Alfabetização e Letramento. Metodologia da Mediação Dialética.

ABSTRACT

The school, a place used especially for the teaching of historically constructed knowledge, faces great challenges in order to adapt to the current public educational policies that regulate the inclusion process, which prizes for quality education regardless of the need or pathology presented by the student. The teacher, in turn, faces difficulties in teaching reading and writing to students with intellectual

¹ Acadêmica do curso de Pedagogia na Universidade Estadual de Maringá/UEM.

² Professora orientadora do trabalho de conclusão de curso.

disabilities (DI) and the activities developed are usually based on repetition and memorization, unrelated to situations of learning regulated in meaningful experiences. The purpose of this article is to analyze the researcher's experience in educational practices with nine young people and adults with intellectual disabilities who attend the Extension Project: "Alternative Activities for People with Special Needs" linked to the Department of Theory and Practice of Education at the State University of Maringá / PR (DTP / UEM). For that, we studied, discussed and implemented the plans based on the Methodology of Dialectic Mediation (MMD). Participating in an extension project allowed us to verify that when planning intentionally articulates theory and practice, it is possible to develop a teaching work contemplating the specificities of students with intellectual disabilities with regard to the teaching-learning process. From the Dialectic Mediation Methodology the students were able to overcome the immediate knowledge, through interactions and mediations of the teacher / researcher with the scientific knowledge. The students re-elaborated their knowledge without canceling the immediate knowledge (knowing that they had) in the mediate (scientific knowledge).

keywords: Intellectual disability. Alphabetization and Literacy. Methodology of Dialectic Mediation.

1. INTRODUÇÃO

Ao ingressar no Curso de Pedagogia, os anseios e dúvidas sobre o “formar-se professor” ocupavam nossos pensamentos. Num primeiro momento imagina-se que o processo de formação, por meio das disciplinas, possibilitaria conhecimentos suficientes para práticas pedagógicas alfabetizadoras, contudo, logo no início nos deparamos com outras necessidades que só seriam atendidas no decorrer do aprofundamento de nossos estudos.

Essas inquietações nos conduziram a um projeto de extensão voltado ao atendimento de pessoas com Deficiência Intelectual (DI) e outras necessidades especiais. Para a pesquisadora, um deficiente intelectual não teria condições de estabelecer um diálogo sobre assuntos variados, seria dependente de seus familiares ao se locomover, bem como incapaz de ter opiniões próprias. Havia, portanto, uma visão de senso comum, enxergando apenas a deficiência, as limitações.

Não tardou para que essa visão se dissipasse. A entrada em um projeto de extensão possibilitou outras impressões. Trata-se do Projeto de Extensão: “Atividades Alternativas para Pessoas com Necessidades Especiais”, localizado no

CAP (Colégio de Aplicação Pedagógica no campus da Universidade Estadual de Maringá – Ensino Fundamental e Médio). Durante o período em que estivemos atuando, participavam nove jovens com deficiência intelectual, com faixa etária entre 19 e 45 anos. O trabalho nesse ambiente acontece por meio de ateliês: Artes, cultura corporal (Natação), biologia, Dança, Alfabetização e Letramento. Durante os primeiros contatos com os alunos, verificou que os anseios dos alunos se correlacionavam entre outros, à aprender a ler e escrever. Suas falas evidenciavam o quanto julgavam importante se alfabetizar. Dessa maneira, constatou-se que o deficiente intelectual possui as mesmas necessidades, vontades e potencialidades para a aprendizagem que os demais alunos

Mediante o exposto, o objetivo desse artigo é analisar a experiência da professora/pesquisadora em práticas educativas junto nove jovens e adultos com deficiência intelectual que frequentam o projeto de extensão “Atividades Alternativas para pessoas com necessidades especiais” na Universidade Estadual de Maringá.

As atividades foram planejadas e desenvolvidas respaldadas na Metodologia da Mediação Dialética, uma vez por semana em encontros com duração de 2 horas no ateliê de “Letramento e Contextos Sociais” durante um ano letivo. Os dados foram coletados por meio de diário de campo com as falas dos alunos e das atividades por eles realizadas.

A partir do objetivo exposto, na sequência, será descrito os pressupostos teóricos que embasaram as práticas pedagógicas sobre alfabetização e letramento, a articulação da teoria e prática por meio da Metodologia da Mediação Dialética, seguido de alguns resultados e considerações finais.

2. ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

A escola, um local utilizado especialmente para o ensino dos conhecimentos historicamente construídos, enfrenta grandes desafios para se adequar às atuais políticas públicas educacionais que regulam o processo de inclusão, o qual prima pela educação de qualidade independente da necessidade ou patologia apresentada pelo educando. No que diz respeito à deficiência intelectual fica claro, na maioria dos casos, a não apropriação da língua escrita, salvo algumas exceções.

O professor, por sua vez, enfrenta dificuldades no ensino da leitura e da escrita junto ao aluno com deficiência intelectual (DI). As atividades desenvolvidas

geralmente são baseadas na repetição e memorização desvinculada de situações de aprendizagens reguladas em vivências significativas.

Para Ferreira (1995), a escrita alfabética não pode ser compreendida apenas como um código que transpõe graficamente as unidades sonoras mínimas da fala, ou seja, os fonemas, e, sim, como um sistema de representação escrita dos segmentos sonoros da fala. Assim é percebida como um sistema notacional que representa e registra no papel as partes orais da palavra.

A alfabetização é considerada um processo sociocultural, de grande importância no contexto da sociedade, e é por meio dela que diversas práticas sociais são desempenhadas no cotidiano. O ensino da escrita envolve a aquisição da leitura. Desta forma, é importante ocorrerem simultaneamente.

Um dos assuntos mais discutidos na educação é a alfabetização. Em suas reflexões, Soares (2009), nos mostra que nas últimas décadas, tivemos grandes mudanças no que se refere às concepções de escrita e de alfabetização. O modelo tradicional de alfabetização tem sido criticado por ter produzido o analfabetismo funcional em países desenvolvidos. Com isso, não é suficiente dominar o código escrito; é preciso utilizá-lo, em variados contextos, criando assim um novo conceito: o de *letramento*.

Para Soares (2009), o letramento vai além da alfabetização; ou seja, existe um envolvimento nas diversas práticas sociais de leitura e de escrita. Atualmente tem crescido o acesso à leitura e à escrita, aos livros, revistas e jornais, às livrarias e bibliotecas. A leitura e a escrita passam a ter uma função para as pessoas, além de ser uma necessidade, é uma forma de lazer.

Há, assim, uma diferença entre saber ler e escrever, ser alfabetizado, e viver na condição ou estado de quem sabe ler e escrever, ser letrado (atribuindo a essa palavra o sentido que tem literate em inglês). Ou seja: a pessoa que aprende a ler e a escrever - que se torna alfabetizada - e que passa a fazer uso da leitura e da escrita, a envolver-se nas práticas sociais de leitura e de escrita - que se torna letrada - é diferente de uma pessoa que não sabe ler e escrever - é analfabeta - ou, sabendo ler e escrever, não faz uso da leitura e da escrita - é alfabetizada, mas não é letrada, não vive no estado ou condição de quem sabe ler e escrever e pratica a leitura e a escrita. (SOARES, 2009, p. 36,37)

A autora explica que uma pessoa letrada é aquela que aprende a ler e a escrever, e fazer uso da leitura e da escrita, envolvendo-se em práticas sociais, ou

seja, faz uso frequente e competente da leitura e da escrita. A pessoa letrada tem outra condição social e cultural. Muda o seu lugar social, seu modo de viver, sua inserção na cultura e, conseqüentemente, uma maneira de pensar diferente.

Soares (2009) nos traz também informações sobre pesquisas realizadas em diversos países, e assim podemos verificar que a pessoa letrada fala diferente da iletrada e analfabeta, mostrando, assim, que o convívio com a língua escrita trouxe mudanças no uso da língua oral e no vocabulário. Para ela, “ter-se apropriado da escrita é diferente de ter aprendido a ler e a escrever: aprender a ler e escrever significa adquirir uma tecnologia, que é codificar em língua escrita e decodificar a língua escrita. Para a autora, apropriar-se da escrita é torná-la ‘própria’, ou seja, é assumi-la como sua ‘propriedade’”. (SOARES, 2009, p.39)

Nessa mesma direção a sugestão proposta por Carvalho (2009), é que o professor alfabetize letrando, e com isso realiza-se um trabalho intencional de sensibilização por meio de atividades específicas de comunicação como escrever bilhetes, cartas, contar histórias por escrito, produzir um jornal escolar, um cartaz, fazendo, dessa maneira, com que a escrita tenha uma função social. O educando deve também ser orientado para compreender as exigências, nos variados tipos de textos, e também os objetivos do autor.

A proposta sugerida por Carvalho (2009) é fazer com que o educando, desde cedo, trabalhe com tipos de textos variados, entretanto este trabalho é uma tarefa não apenas por um ano, e sim para todo o ensino fundamental.

Tornar-se letrado, ou formar-se leitor, é aprender sobre autores, seus modos de pensar, intenções interlocutores, ideias e valores; é aprender sobre gêneros, sobre a forma pela qual os textos se organizam, a partir do título, obedecendo a certas convenções, e desdobrando-se parágrafo por parágrafo para exprimir ideias. É principalmente aprender a dialogar com os autores, refletindo sobre o que eles nos dizem e comparando as suas com as nossas próprias ideias. (CARVALHO,2009, p.70, 71)

Os processos de leitura e escrita envolvem habilidades e conhecimentos diferentes e, conseqüentemente, o processo de ensino e aprendizagem também é diferente, sendo compreendidos nas dimensões individuais e sociais.

Saber ler e escrever, saber utilizar a leitura e a escrita nas diferentes situações do cotidiano são, hoje, necessidades inquestionáveis tanto para o exercício pleno da cidadania, no plano individual, quanto para a medida do possível de

desenvolvimento de uma nação, nível sociocultural e político. (MORTATTI, 2004, p. 15)

Para Mortatti (2004), o letramento está relacionado com a língua escrita, seu uso e função nas culturas que transmitem seus valores, crenças por meio da linguagem escrita, e o ler e escrever é mais valorizado que o falar e ouvir. As novas perspectivas de abordagem do letramento nos trazem dois modelos: o “modelo autônomo” e o “modelo ideológico”.

Mortatti (2004), explica que no “*modelo autônomo*” não se leva em conta o contexto social, concentrando-se na dimensão técnica e individual do letramento. Com isso, considera-se o letramento no singular. Neste processo a escrita é um produto completo em si mesmo, na qual se define com mais facilidade quais habilidades e conhecimentos caracterizam uma pessoa que é alfabetizada.

Já no “*modelo ideológico*”, a autora mostra que o foco encontra-se na dimensão social do letramento, apresentando várias formas em que se fundamenta o conceito de letramento. Em outras palavras, para que a sociedade funcione, o letramento é essencial e tem potencial para modificar relações e práticas sociais injustas. O “letramento como potencial de transformação social” é proposto por vários pesquisadores estrangeiros, bem como o educador brasileiro Paulo Freire. (MORTATTI, 2004, p.104). Nesse modelo ainda, a leitura e a escrita são consideradas atividades sociais, e assim temos vários tipos de letramento. É um processo contínuo e um conjunto de práticas sociais em que pessoas se envolvem conforme o contexto social, as habilidades e conhecimentos dos quais se têm à disposição.

Práticas de letramento são ‘tanto os comportamentos exercidos pelos participantes num evento de letramento quanto as concepções sociais e culturais que o configuram, determinam sua interpretação e dão sentido aos usos da leitura e/ou escrita naquela particular situação. (MORTATTI, 2004, p.105-106)

Para Oliveira e Alencar (2013, p.75), “o uso, tanto dos instrumentos variados quanto das avaliações constantes, pode propiciar o desenvolvimento da pessoa com deficiência, vislumbrando assim sua inserção e sua funcionalidade nos contextos sociais desenvolvida.”

Ao reconhecer as potencialidades, dificuldades cognitivas e as habilidades que o aluno com deficiência intelectual apresenta, o professor poderá realizar um trabalho pedagógico que possa atendê-lo em suas peculiaridades e limitações. A

seguir descreveremos os pressupostos teóricos dos estudos desenvolvidos por Arnoni (2007), a respeito da Metodologia da Mediação Dialética.

3. ARTICULANDO TEORIA E PRÁTICA: AS VIVÊNCIAS

O planejamento está presente em quase todas as nossas ações, pois orienta a realização das atividades. Dessa maneira é considerado essencial em variados setores de nossa vida social, principalmente na atividade docente. Uma boa aula é aquela que é pensada e elaborada com antecedência.

Ao ingressar no projeto de extensão nos deparamos com o primeiro desafio: planejar aulas fundamentadas na Metodologia da Mediação Dialética de forma a atender as especificidades dos alunos com deficiência intelectual. Para tanto, foi necessário estudar os pressupostos que embasavam essa Metodologia para compreender o que é práxis, o que é mediação dialética.

O professor necessita “pensar a aula”, o que envolve abandonar o improviso, uma ação que colabora para a alienação. Na docência, a improvisação faz do professor simplesmente um executor de atividades pensadas e programadas por outro. Pensar a aula, numa perspectiva dialética, implica em compreendê-la como práxis, a prática educativa. Para o professor, pensar a aula, precisa que ele estabeleça conscientemente a relação entre a prática que está desenvolvendo e a teoria escolhida para orientar essa prática, o que caracteriza a práxis.

Considerar a prática educativa como práxis, auxilia o professor compreender o movimento do processo de ensino e aprendizagem, o que forma a aprendizagem do aluno. Esse movimento origina-se na contradição do mediato com o imediato, tornando possível ao aluno a elaboração da síntese, que é o saber aprendido. É importante que o professor relacione o conceito científico que vai trabalhar com o que o aluno sabe. A aula deve fazer sentido pra ambos, só assim pode ser estabelecida a mediação dialética.

Para Arnoni (2007), deve-se compreender a aula como um conjunto de relações que busca articular, de maneira intencional a teoria e a prática. A prática educativa é um processo consciente, reflexivo e sistemático que prima pelo saber cultural gerado historicamente através da relação pedagógica. A intencionalidade da prática educativa deve possibilitar a aquisição de saberes culturais produzidos pelo homem para que o aluno torne-se mais articulado, crítico e não alienado.

A aula como prática educativa compõe-se de ações que vêm antes e depois do momento sala, o que lhe dá o caráter processual e histórico. Arnoni (2007), explica que a aula começa com o planejamento e finaliza em um planejamento de sua continuidade. Em cada situação de ensino, o conteúdo é retomado com tratamento diferenciado, e cada uma delas serve de patamar para o momento seguinte. As situações de ensino não são estanques e isoladas, ao contrário, são interligadas e interdependentes e, portanto, o limite entre elas não é claramente demarcado. Dessa forma, Arnoni (2007), apresenta um planejamento de aula denominado Metodologia da Mediação Dialética (MMD), contemplando quatro etapas, a saber: *Resgatando/registrando*, *Problematizando*, *Sistematizando* e *Produzindo*.

1º Resgatando/registrando – Obtém as representações primárias do aluno relacionadas ao conteúdo em estudo. As elaborações obtidas nessa etapa caracterizam aspectos do saber imediato, considerado como ponto de partida do processo de ensino. Nesse momento busca-se um mesmo ponto de partida para o processo de ensino, comum ao professor e ao aluno, por intermédio de diferentes linguagens: oralidade, desenho, recorte, dramatização, mímica, poesia, música, colagem, relato, texto escrito etc. De posse dessas informações, o professor delimita o saber que o aluno possui do objeto em estudo e, comparando-o com o saber pretendido, compreende a tensão entre ambos e elabora a problematização.

2º Problematizando – Problematizar é colocar o aluno em uma situação de ensino desafiadora que possa levá-lo a compreender as diferenças entre seu conhecimento (saber imediato) e o conhecimento trabalhado pelo professor (saber científico): é a consciência de que necessita aprender. Para que essa etapa seja percebida e compreendida pelo aluno, é necessário não facilitar e nem dificultar o seu entendimento. Ela possibilita gerar tensão entre o saber específico do aluno (imediato) e o saber geral da produção científica (mediato) além de incentivá-lo a buscar novos saberes.

3º Sistematizando – Sistematizar é desenvolver situação de ensino que dê oportunidade ao aluno para compreender as relações de sentido entre aspectos do seu saber imediato e elementos do saber mediato pretendido, por meio do diálogo. Para o aluno elaborar as ideias no plano do mediato, é necessário o professor desenvolver situações de ensino que permitam ao educando compreender as relações de sentido entre aspectos do seu conhecimento imediato e elementos do

conhecimento mediato pretendido. Essa comunicação, desenvolvida pelo professor, torna claro os aspectos da problematização, a discussão do conhecimento científico a eles relacionado, reforçando a superação do imediato no mediato e a elaboração de sínteses.

4º Produzindo – Nesse momento o professor desenvolve situações de ensino para que o aluno possa expressar as sínteses cognitivas elaboradas por intermédio das diferentes linguagens. É o ponto de chegada do processo de ensino, um saber provisório que se torna imediatamente um novo ponto de partida.

A proposição teórico-metodológica da "Metodologia da Mediação Dialética" é uma totalidade que implica a operacionalização/aplicação do método dialético, a transformação do conceito científico em conceito para o ensino.

Fundamentada nesses pressupostos passamos planejar as atividades a serem desenvolvidas com os nove jovens e adultos com deficiência intelectual os quais para garantir o anonimato serão identificados por de letras. As vivencias foram as mais diversas. Os sujeitos do estudo estudaram vários assuntos, tais como dengue, meio ambiente, dia dos pais, copa do mundo, páscoa, doenças, dentre outros.

4. ALGUNS RESULTADOS

Considerando a limitação desse texto, selecionamos alguns fragmentos da aula que teve como base a discussão e desenvolvimento do tema "meio ambiente".

A discussão do conteúdo teve início por meio do resgate e registro dos saberes que os alunos tinham sobre o assunto. Além das falas dos sujeitos coletamos esses saberes por meio de cartazes realizados por eles em grupo, conforme figuras a seguir:



Figura 1: meio ambiente sem a intervenção do homem.



Figura 2: meio ambiente com a intervenção do homem.



Figura 3: Consequências do desmatamento

De acordo com seus autores (os sujeitos da pesquisa), a figura 1 simboliza a natureza em equilíbrio; a figura 2 mostra homens cortando árvores; e a figura 3 representa a floresta queimando. As ilustrações denotam os conhecimentos que possuíam, resultante, a nosso ver, de apropriações ocorridas durante os anos de escolarização.

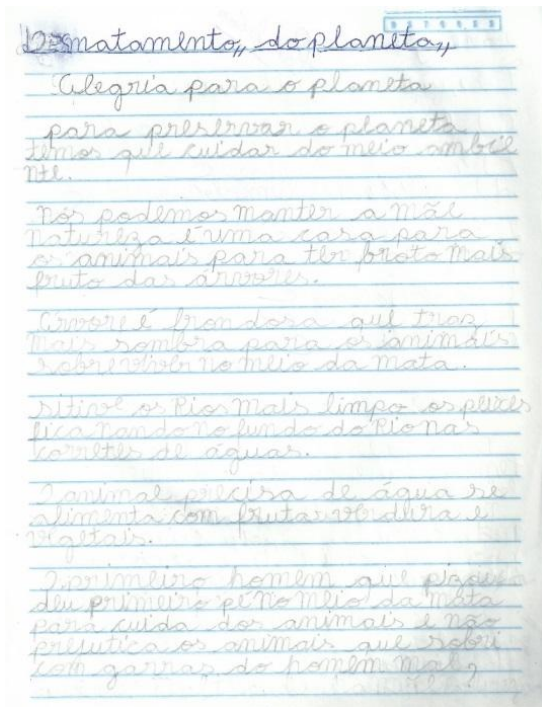
Após apresentação dos cartazes pelos grupos, o tema foi problematizado de forma a tensionar o conhecimento imediato. Os sujeitos foram então informados que na semana subsequente iriam fazer um passeio no Parque de Exposições “Francisco Feio Ribeiro” na cidade de Maringá-Pr, por ocasião do aniversário da cidade e lá fariam uma visita ao Stand da Sanepar

Eles ficaram muito animados para a realização desse “passeio”. O deslocamento até o Parque de Exposições foi com o ônibus da UEM. Chegando no

local os sujeitos foram recepcionados por um funcionário da Sanepar, o qual encaminhou-os para uma sala onde haviam vasos sanitários com diferentes válvulas de descargas, pias, chuveiros, dentre outros equipamentos. A funcionário explicou a funcionalidade de cada um dos equipamentos e as consequências do mal uso dos mesmos. Visitaram também uma segunda sala do Stand que continha animais selvagens em seu habitat natural. As explicações sobre a subsistência dos mesmos também foi foco de discussão.

De volta à sala de aula, os alunos foram questionados sobre o que viram e quais as relações estabelecidas entre o uso correto da água e os animais expostos.. As impressões emitidas pelos sujeitos do estudo foram as mais diversas, tais como; “a água vem da torneira”, “a água vem da Sanepar”, “a água vem do rio Pirapó”, “a água vem de uma nascente”, dentre outras. Discutiram também qual a importância da água para a vida dos animais e do homem, dentre outras questões. Na aula seguinte na etapa *sistematizando*, os alunos foram expostos a textos científicos, sobre a água, por meio de vários suportes: reportagens em revistas, jornais e panfletos. Num momento posterior, foi solicitado que escrevessem um texto sobre o cartaz elaborado.

Após explicações e debates os alunos, por meio da etapa produzindo, realizaram atividades referentes à interpretação de texto, questões ortográficas e de classificação de palavras, dentre outras. As respostas emitidas pelos alunos nas produções textuais e nas demais atividades denotaram de forma clara, ao professor, quais aspectos deveriam ser priorizados no que diz respeito às convenções da escrita, bem como se houve compreensão dos conteúdos ou não. Dentre as atividades planejadas foi solicitado que elaborassem individualmente um texto sobre o cartaz produzido com vistas a informar as pessoas sobre o tema, como ilustrado a seguir.



TRANSCRIÇÃO DO TEXTO

Desmatamento, do planeta,
Alegria para o planeta
para preservar o planeta temos que cuidar do Meio ambiente.

Nós podemos Manter a Mãe Natureza é Uma casa para os animais para ter broto Mais fruto das árvores.

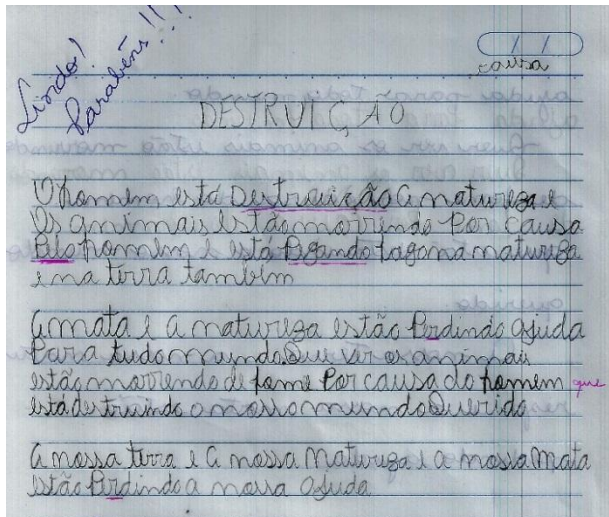
Árvore é frondosa que traz Mais sombra para os animais sobreviver no Meio da Mata.

Sitíve os Rios mais limpo os peixes fica Nando No fundo do Rio Nas corretes de águas.

O animal precisa de água se alimenta com frutas verdura e vegetais.

O primeiro homem que pizou deu o primeiro pé No Meio da Mata para cuida dos animais e Não prejudica os animais que sobri com garras do homem mal?

Figura 4: Texto do sujeito "P" referente ao cartaz da figura 1. Os grifos sinalizam os erros de escrita.



TRANSCRIÇÃO DO TEXTO

Destruição

O homem está Destruição A natureza e Os animais estão morrendo Por causa Pelo homem e está Pegando fogo na natureza e na terra também

A mata e a natureza estão Perdindo ajuda Para tudo mundo. Que ver os animais estão morrendo de fome Por causa do homem está destruindo o nosso mundo Querido

A nossa terra e A nossa natureza e a nossa Mata estão Perdindo nossa ajuda

Figura 5: Texto elaborado pelo sujeito "S" em relação ao cartaz da figura 3. Os grifos sinalizam os erros de escrita.

Constata-se que o texto produzido pelo sujeito "P.", tem coerência. Ela descreve vários elementos da natureza e os benefícios de cada um. Na afirmativa "Sitíve os Rios mais limpo os peixes fica nando no fundo do Rio nas corretes de

águas.” (Se estivessem os rios mais limpos os peixes ficariam nadando no fundo dos rios e nas correntes de águas) constata-se que a mesma se apropriou de outros conhecimentos e tenta correlacionar com informações oriundas de outras fontes. Observam-se também os erros de escrita cometidos e que devem ser trabalhados pelo professor, como por exemplo, ausência de fronteira vocabular na palavra Sitive (se estivessem), o uso de letras maiúsculas e minúsculas, separação de sílabas (ambie-nte), plural.

O texto produzido pelo sujeito “S”, foi mais sucinto, mas também apresenta coerência. Ele dá ênfase no pedido de “socorro” da natureza ao homem, denotando assim que “algo” deve ser feito. Em relação à escrita observa-se que faz uso de plural corretamente, mas cometeu os mesmos erros que “P” em relação ao uso de letras maiúsculas.

Após a produção textual os alunos trocaram os textos entre si para que a leitura pudesse ser realizada pelos colegas. Por exemplo, o texto de “P” foi entregue para “S” ler. Assim, sentaram juntos para dialogarem e corrigirem se necessário. Conforme “S” ia lendo, “P” ia acompanhando a leitura, identificando e corrigindo os erros.

Sujeito “P”: *“Não foi isso que eu quis dizer “S”. Eu disse assim oh! O primeiro homem que pisou o pé no meio da mata deveria cuidar dos animais e não prejudicá, entendeu?”*

Sujeito “S”: *“Então porque você não escreveu aqui?”*

Sujeito “P”: *Eu escrevi, mas precisa agora arrumar. Era isso que eu tinha pensado![...]ar*

Após as leituras fomos à lousa para reestruturar os textos junto com os alunos. Nas inúmeras atividades desenvolvidas foi possível constatar distinções sobre os níveis de apropriação do sistema de escrita alfabética nos textos produzidos, mas, sobretudo foi possível constatar e vivenciar, enquanto estagiária do projeto e acadêmica do curso de pedagogia, práticas pedagógicas planejadas de forma intencional contemplando o ensino da língua escrita concomitantemente ao seu uso social.

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se aprender é uma ação humana criativa, individual, não depende de sua condição intelectual ser mais ou menos privilegiada; ensinar é um ato coletivo, em que o professor torna acessível um mesmo conhecimento a todos os alunos.

Como qualquer outro aluno, o deficiente intelectual necessita desenvolver sua criatividade, sua capacidade de conhecer o mundo e a si mesmo, não por meio do que o outro pensa, mas individualmente.

Ao trabalhar no Projeto de Extensão intitulado “Atividades alternativas para pessoas com necessidades especiais” oferecido pela Universidade Estadual de Maringá/PR pudemos participar não somente dos fóruns oferecidos pela UEM, como também de Congressos de Educação Especial. Ao planejar as aulas, seguimos os passos da Metodologia da Mediação Dialética (ARNONI, 2007), que é centrada na mediação pedagógica, ou seja, a relação dialética que se organiza entre professor e aluno, mediante a qual é possível que eles criem a relação entre os processos de ensino e de aprendizagem, exatamente, por serem eles os responsáveis pelo desenvolvimento desses processos.

A sistematização do planejamento de aula se mostrou essencial para que os educandos falassem sobre suas concepções e compreensões dos assuntos trabalhados. Assim, ocorreu o encaminhamento e estruturação das atividades contemplando as necessidades e especificidades de cada um. Acredita-se que todo professor que compreenda a sala de aula como um espaço de encontro de diferenças, de pluralidade, deve utilizar-se sempre de estratégias para atuar de forma a atender a essas peculiaridades. A Metodologia da Mediação Dialética tornou possível um trabalho em conjunto, professor e educando, no processo de ensino-aprendizagem, já que a mediação pôde estabelecer um diálogo amplo com base na apropriação do conhecimento pelo aluno e na organização e coerência do trabalho docente. Salientamos ainda que a partir da Metodologia da Mediação Dialética os educandos reelaboraram seus conhecimentos sem anular o conhecimento imediato (saber que possuíam) no mediato (conhecimento científico).

Ficou evidente que quando o professor planeja sua aula, considerando o conhecimento do aluno, no caso com deficiência intelectual, os resultados obtidos podem ser positivos, pois além das relações dialógicas presentes, existe ênfase nas potencialidades desses educandos e não em suas limitações. As atividades

desenvolvidas vão ao encontro do modelo ideológico de letramento defendido por Mortatti (2004), tentando articular não só as questões referentes ao sistema de escrita alfabética, porém o uso que se faz dela em nossa sociedade. Manusear diferentes gêneros textuais nos seus respectivos suportes também possibilita a reflexão sobre as estruturas textuais. Dessa forma, acredita-se que pessoas com deficiência intelectual podem desenvolver mecanismos mentais a partir de um trabalho bem planejado e sistematizado na relação dialógica da prática docente e, assim, se alfabetizar letrando.

A concepção que se tinha sobre deficiência intelectual e sobre o processo de desenvolvimento da pessoa que a possui foi redimensionado.

A partir de estudos teóricos e práticas pedagógicas realizadas hoje acreditamos que as pessoas com deficiência intelectual têm capacidade de aprender e se desenvolver, quando recebem orientação adequada. Para o indivíduo com deficiência intelectual se apropriar dos conhecimentos relativos à aprendizagem da língua escrita, o professor deve utilizar-se de estratégias variadas e orientadas em função das potencialidades e dificuldades dos mesmos, contemplando não apenas atividades de memorização e repetição, mas também atividades escritas nas quais ele perceba o uso social da mesma.

A experiência obtida foi para além da sala de aula. Após esse período vivenciado no Projeto de Extensão, e o aprendizado obtido, temos a certeza de que participar de um projeto ou atividade além do obrigatório, vale a pena. Ver os alunos aprendendo com felicidade e otimismo o que se está ensinando não tem como descrever, é uma sensação muito gratificante. Por fim, foi nesse cenário que ocorreu a conscientização de que não há uma única maneira de ensinar, mas diversas práticas pedagógicas, levando em consideração as especificidades de cada aluno.

REFERÊNCIAS:

ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia. Conceituando alfabetização e letramento. In: SANTOS, Carmen Ferraz e MENDONÇA, Márcia. (Org). **Alfabetização e letramento: conceitos e relações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

ARNONI, Maria Eliza Brefere, ALMEIDA, José Luís Vieira de, OLIVEIRA, Edilson Moreira de. Metodologia da Mediação Dialética. _____. **Mediação dialética na educação escolar - Teoria e prática**. São Paulo: Edições Loyola, 2007. p.119-171.

CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar: um diálogo entre a teoria e a prática**. Petrópolis. RJ: Vozes, 2009. p.65-87. Médicas, 1986.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Artes Médicas, 1995.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Educação e Letramento**. São Paulo: UNESP, 2004 (Coleção Paradidáticos; Série Educação)

OLIVEIRA, Patrícia de, ALENCAR, Gizeli Aparecida Ribeiro. **A alfabetização de jovens e adultos com deficiência intelectual através de práticas de letramento**. In: COSTA, Maria da Piedade Resende da (org.). Educação Especial: sugestões de recursos para os ambientes educacionais inclusivos. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

SOARES, Magda. O que é Letramento? _____. **Letramento – um tema em três gêneros**. Belo Horizonte, Autêntica, 2009. p.15-25